

## DE 1816 A 1916: RETORNAR AO PASSADO DE SAUSSURE FROM 1816 TO 1916: RETURNING TO SAUSSURE'S PAST

Vítor Jochims Schneider<sup>1</sup>  
Fernando Silva e Silva<sup>2</sup>

**RESUMO:** A filologia saussuriana, desde os anos 60, tem contribuído para elaboração de trajetórias de leitura dos textos de Ferdinand de Saussure que produzem inúmeras interpretações da fertilidade e originalidade do pensamento deste célebre linguista. No presente artigo, oferecemos uma breve retomada de referências que permitem localizar o corpus textual de Ferdinand de Saussure no contexto histórico e científico no qual foi produzido. Para desenvolver essa abordagem histórica, retornamos cem anos antes da publicação do *Curso de Linguística Geral* a fim de apresentar o desenvolvimento da epistemologia da gramática comparada do século XIX. Em um panorama histórico, apresentamos inicialmente o microcosmo científico no qual Ferdinand de Saussure se desenvolveu e, num segundo momento, traçaremos a constituição do objeto de estudo que norteou as ambições científicas de Franz Bopp, Jacob Grimm e Karl Verner e dos neogramáticos de Leipzig, pesquisadores com os quais o jovem linguista realizou sua formação acadêmica. Tendo explorado o contexto histórico e científico no qual Saussure desenvolveu suas investigações, ressaltamos a caracterização saussuriana do objeto linguístico enquanto entidade imaterial, virtual e relativa como o índice de uma inovação no modo de se produzir ciência sobre o fenômeno linguístico nas últimas décadas do século XIX.

**PALAVRAS-CHAVE:** Epistemologia linguística. Historiografia linguística. Estudos saussurianos

**ABSTRACT:** Saussurean philology has contributed since the 1960s to the elaboration of reading trajectories of Ferdinand de Saussure's texts which bring forth countless interpretations of the originality and fertility of this famous linguist's work. In this article, we offer a brief reminder of the references which allow to locate Saussure's textual corpus in the scientific and historical context in which it was produced. In order to deploy such an historical approach, we go back a hundred years before the publishing of the *Course in General Linguistics* so as to present the development of the epistemology of comparative grammar in the XIXth century. In an historical overview we present at first the scientific microcosmos in which Ferdinand de Saussure grew as a researcher and, in a second moment, we retrace the constitution of the study object that was the north of Franz Bopp's, Jacob Grimm's and Karl Verner's scientific ambitions as well as that of Leipzig's Neogrammarians, researchers responsible for Saussure's academic formation. Once the exploration of the historical and scientific context in which Saussure developed his investigations is finished, we bring attention to the saussurean depiction of the linguistic object as an imaterial, virtual and relative entity, understood as an indication of an innovation in how science on the linguistic phenomenon is produced in the XIXth century.

**KEYWORDS:** Linguistic epistemology. Linguistic historiography. Saussurean studies

### 1. Retornar a Saussure pelo caminho da história

Após um século de acúmulo de leituras do *Curso de Linguística Geral*, diversas são as possibilidades de se empreender um retorno ao pensamento de Ferdinand de Saussure. Dada essa miríade de leituras labirínticas que o corpus saussuriano oferece, este trabalho não tem como objetivo oferecer uma interpretação introdutória, muito menos conclusiva, do pensamento do linguista genebrino. Apresentamos aqui uma possível abordagem do conjunto de textos que o nome Ferdinand de Saussure abarca partindo de uma perspectiva da história dos saberes linguísticos (COLOMBAT et al., 2000).

---

<sup>1</sup> Doutor em Estudos da Linguagem pela UFRGS; professor de línguas e pesquisador na Associação de Pesquisas e Práticas em Humanidades (APPH). [vtorjchims@gmail.com](mailto:vtorjchims@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestre em Estudos da Linguagem pela UFRGS; professor de línguas e pesquisador na APPH. [fernandosilva@gmail.com](mailto:fernandosilva@gmail.com)

Para que possamos organizar a exposição de tal abordagem interpretativa, propomos uma questão inicial que conduzirá nossas reflexões: entendendo a linguística como uma produção de conhecimento ao largo dos séculos, qual é a inovação do pensamento de Ferdinand de Saussure?

Colocar tal pergunta nos insere radicalmente numa perspectiva historicizante dos saberes linguísticos, o que nos impede de concordar com boa parte dos manuais de introdução à linguística que reservam para Ferdinand de Saussure o emblemático epíteto de “fundador da linguística enquanto ciência” (PORTELA, 2013). Tal atribuição, típica de uma narrativa acumulativa da ciência, situa Ferdinand de Saussure como o ponto de origem de um saber científico. Nessa estrutura narrativa, houve, num ponto do passado, antes do qual tudo era obscuro e desorganizado, uma espécie de *big-bang* epistemológico, e, após esse milagre, a humanidade passou, por assim dizer, a desfrutar de uma produção de conhecimento organizado e coerente. Tal modo de compreender a história dos saberes nada mais é do que uma forma de apagar o elemento histórico de toda produção de conhecimento (KOERNER, 1996; 2006).

Reservar a Ferdinand de Saussure a posição de origem da ciência linguística supõe uma certa ingenuidade histórica – desconhecimento dos fatos – bem como uma ingenuidade historiográfica – uma limitação na elaboração de narrativas históricas obedecendo a critérios metodológicos. Uma rápida leitura do prefácio à edição brasileira do CLG, Nicolau Salum nos informa que Ferdinand de Saussure assumiu a disciplina de Linguística Geral da Universidade de Genebra em virtude da aposentadoria de um colega de departamento – Joseph Wertheimer. Esse linguista, muito pouco destacado na instituição, havia ministrado a disciplina por no mínimo 15 anos. Tal fato institucional, discutido por outros autores (REBOUL, 2010), nos leva a, no mínimo, duvidar da costumeira afirmação de que Ferdinand de Saussure teria sido o inaugurador da ciência linguística moderna ou o percussor dos princípios de uma linguística geral.

Além do desconhecimento desses simples dados biográficos, e burocráticos, atribuir a Saussure o título de *fundador, criador, inaugurador, descobridor* ou *inventor* da linguística enquanto ciência revela a insistência de um equívoco historiográfico. Quando nos propomos a lançar um olhar para a história dos saberes linguísticos, percebemos que Saussure nasce em um século no qual a produção de conhecimento sobre fenômenos linguísticos encontrava-se em plena ebulição. Insistir na unicidade e originalidade de Ferdinand de Saussure é promover uma história da linguística destituída de contexto. Nosso objetivo é justamente o de oferecer uma coleta de informações que, ao serem amalgamadas com a leitura dos textos saussurianos, nos permitam abordar o pensamento de Ferdinand de Saussure enquanto uma produção de conhecimento localizada no tempo e no espaço.

O século XIX é um dos períodos mais produtivos para a área dos conhecimentos linguísticos. Para que possamos visualizar esse contexto, é interessante iniciarmos nosso exame por uma observação do microcosmo no qual Ferdinand de Saussure formou seu espírito científico. Em seguida, apontaremos para o contexto mais amplo no qual estavam sendo desenvolvidos os estudos linguísticos em gramática comparada.

Até alguns anos atrás, os estudiosos do pensamento saussuriano dispunham de pouquíssimas informações organizadas a respeito da vida de Ferdinand Mongin de Saussure (1857 – 1913). Até o final do século XX, boa parte das informações biográficas sobre o linguista genebrino estavam disponíveis no breve manuscrito *Souvenirs de Saussure concernant sa jeunesse et ses études*, no qual encontramos fragmentos textuais nos quais o linguista relata sua formação e se defende de possíveis acusações de plágio para sustentar a tese de seu *Mémoire* (JOSEPH, 2012a).

Jonathan Culler (1979), um dos grandes difusores das ideias de Saussure no mundo anglófono, chega a afirmar que a vida de Ferdinand de Saussure é muito desinteressante.

Porém, a partir da descoberta de novos manuscritos em 1996, a filologia saussuriana passou a produzir novos estudos de cunho biográfico (QUIJANO, 2008; ARRIVÉ, 2010; BOUISSAC, 2012; JOSEPH, 2012b) que possibilitaram o surgimento de um novo retrato para o nome Ferdinand de Saussure. Ainda que tais trabalhos tenham sido realizados com base em diferentes fontes, orientados para diferentes leitores e obedeçam a diferentes critérios metodológicos, é possível apontar algumas operações em comum, sobre as quais assentamos este texto.

Primeiramente, esses estudos situam Ferdinand de Saussure num contexto histórico no qual não é possível lhe atribuir o título de *inaugurador* de uma ciência. Para esses pesquisadores, Saussure é o autor de um pensamento crítico que possibilitou uma reformulação do modo como se produz o conhecimento dos fenômenos linguísticos. John Joseph (2012b) e Paul Bouissac (2012) sublinham o fato de que o pensamento saussuriano é um pensamento essencialmente científico. Ainda que seus escritos possam alimentar discussões no campo da filosofia da linguagem, esses autores sustentam que a obra de Ferdinand de Saussure, dispersa em seus artigos, manuscritos e aulas proferidas, apresenta uma forma de fazer ciência com a linguagem.

Além de situar Saussure num contexto histórico de produção científica, os autores em conjunto são capazes de apresentar em linhas gerais os diversos deslocamentos de Ferdinand de Saussure no mapa dos centros de produção de saber linguístico da Europa do fim do século XIX. O linguista suíço, ainda que tenha passado por diversas instituições de peso, não desenvolveu uma carreira docente estabilizada, o que contribuiu para que sua produção discursiva não se solidificasse em torno de uma obra cristalizadora do seu pensamento. Devido a isso, qualquer pesquisa em torno do nome Ferdinand de Saussure está destinada a ser também uma pesquisa textual, na qual se aproximam diferentes massas verbais para que assim seja traçado o retrato de um pensamento.

O trabalho que desenvolveremos a seguir parte de uma aliança entre estudos historiográficos e epistemológicos. Para tanto, apresentaremos inicialmente uma contextualização da produção científica no qual Ferdinand de Saussure se inseriu ao longo de sua vida. Além disso, retornaremos cem anos antes do CLG para, com base nos trabalhos de Franz Bopp, Jacob Grimm e Karl Verner, apresentarmos o projeto investigativo da gramática comparada. Em seguida, reconstituímos o cerne da proposta científica dos neogramáticos, visando a contrapor tal projeto investigativo com aquele que pode ser lido no corpus saussuriano. Finalmente, nos direcionaremos para o questionamento proposto por Ferdinand de Saussure com relação a seu objeto de pesquisa e de seus colegas de ciência: “Qual é o objeto, ao mesmo tempo integral e concreto, da Linguística?” (SAUSSURE, 1999 [1916], p. 15). Nessa última seção, delineamos os contornos da proposta autoral do linguista para a ciência da linguagem em sua relação nem de continuidade, nem de ruptura, mas de renovação crítica, com aqueles que o precederam.

## 2. Saussure e a ciência do seu tempo

Se considerarmos o conjunto de títulos publicados por Ferdinand de Saussure e o considerável número de aulas ministradas que consolidaram seu nome, não teremos dificuldade maior em catalogar sua produção discursiva dentro do grande projeto de pesquisa que foi a *gramática comparada*. Essa “ciência muito mal batizada” (MILNER, 1995, p.100)

poderia ser renomeada em termos contemporâneos como *linguística histórico-comparada das línguas indo-europeias*<sup>3</sup>.

O fenômeno do qual a gramática comparada se ocupa resume-se ao fato de que certas línguas apresentam semelhanças que não podem ser explicadas nem por razões fisiológicas, geográficas, nem históricas, nem mesmo por uma propriedade geral da mente humana, visto que tais semelhanças se referem às formas fonéticas e não a semantismos. A detecção de tais semelhanças foi desenvolvida ao longo dos anos, nos quais foram empreendidos grandes trabalhos de investigação e documentação de dados de diferentes línguas (MILNER, 1995).

O século XIX realizou um triunfante acúmulo do conhecimento de diversas línguas que se materializou na forma dos estudos da gramática comparada. Nesse sentido, a gramática comparada é um empreendimento científico de grande impacto. Milner afirma que essa disciplina pode “ser posta à altura dos grandes êxitos da ciência do século XIX” (1995, p. 100), visto que ela permitiu um notável acúmulo de dados sistematizados a respeito de diversas línguas. Se comparássemos o conhecimento disponível a respeito do tempo que estava disponível para um indivíduo acessar no início do século XVIII e no fim do século XIX, a diferença seria brutal.

No primeiro capítulo da Introdução do CLG - *Visão geral da história da linguística* - encontramos uma apresentação de três momentos de constituição da ciência dos fatos da língua: gramática, a filologia e a gramática comparada. Essa última etapa é apresentada com muito mais detalhe que as anteriores, visto ser ela o contexto científico no qual a presente obra se insere. Para iniciar a descrição desse período da produção de conhecimento sobre as línguas, o texto do CLG mobiliza o nome de Franz Bopp (1791 – 1867).

Se hoje comemoramos o centenário do CLG, durante o lançamento do próprio comemorava-se o centenário de uma das obras mais importantes do comparatismo: *O sistema de conjugações da língua sânscrita comparado aos do grego antigo, latim, persa antigo e proto-germânico* (1816), obra capital do gramático alemão que dedicou parte de sua vida ao estudo dos povos orientais. De acordo com o texto introdutório do CLG, o mérito de Franz Bopp não reside na descoberta do parentesco entre o sânscrito e as línguas europeias, o que já estava em vias de comprovação, mas na elaboração de um método inédito que permite explicar as formas de uma língua com base nas formas de outra língua. Esse procedimento faz com que as relações entre línguas aparentadas se tornem a matéria de uma ciência autônoma (SAUSSURE, 1999).

O diagnóstico da autonomia da gramática comparada feito por Saussure, em suas primeiras aulas dos cursos de linguística geral (JOSEPH, 2012b), se aproxima muito das conclusões produzidas por Michel Foucault (1966) a partir de um exame da constituição das novas objetividades científicas do século XVIII. Ao examinar a fundação da gramática comparada, Foucault afirma que Franz Bopp propunha um “salto para trás” no modo de compreender a linguagem. Ou seja, um afastamento do entendimento de que a linguagem seria uma função puramente representativa, tal como havia sido apregoadado.

Enquanto na gramática geral, o conceito de representação era a ferramenta organizadora de todo saber, para a gramática comparada iniciada por Franz Bopp, a representação passa a ser considerada como uma propriedade secundária das línguas. Diferentemente das gramáticas filiadas ao projeto racionalista de Port Royal, a gramática comparada inaugura uma nova positividade ao conceber as línguas como uma organização dos elementos obedientes a uma série de regras combinatórias. Essa abordagem dos elementos da língua enquanto componentes de uma ordem – não como representações do mundo ou do

---

<sup>3</sup> A astúcia de Jean-Claude Milner encontra respaldo nos manuscritos saussurianos que registram uma crítica do linguista à expressão *gramática comparada*: “Entende-se que o astrônomo observa e calcula, que o crítico critica, que o historiador relata e que o linguista compara. Por que o linguista compararia, ou por que estaria ele condenado, em seu ofício, a comparar?” (SAUSSURE, 2002, p. 150).

pensamento – possibilita a realização de exames matematizados da linguagem. Graças à essa compreensão, começam a emergir os estudos dos regimes flexionais, das alternâncias vocálicas, das mutações consonantais (MILNER, 1995; FOUCAULT, 1966).

Enquanto Franz Bopp é nomeado como o precursor da gramática comparada, o panorama histórico da linguística do CLG aponta o nome de Jacob Grimm (1785 – 1863) como o iniciador da gramática histórica. Sua obra *Deutsche Grammatik* (1822-1836), título central para os estudos germânicos, nos oferece o exemplo de produção de conhecimento para que possamos descrever a ciência linguística que tomou forma ao longo do século XIX.

Baseado em indicações do dinamarquês Rasmus Rask (1787 – 1832), Grimm reserva uma porção considerável de sua gramática para demonstrar a transformação de certas consoantes ao longo de diferentes estágios da língua alemã. De maneira muito resumida, poderíamos dizer que o gramático fora capaz de rastrear nas línguas germânicas uma série de transformações consonantais cujos elementos mais recentes puderam ser colocados em paralelo com uma série de consoantes das línguas da região sul do domínio indo-europeu. A organização de tais dados passou a ser notada na forma de nove regras, as quais seriam conhecidas anos mais tarde pelo nome de *Lei de Grimm*. Para termos uma visão geral do trabalho de Grimm, apresentamos aqui apenas três dos mapeamentos registrados pelo linguista (COLLIGE, 1985).

	Línguas meridionais	Línguas setentrionais
p > f	Gr. πούς, ποδός ( <i>poús, podós</i> ) Lat. pēs, pedis San. pāda	Ing. foot Ale. Fuß Got. fōtus
d > t	Gr. δέκα ( <i>déka</i> ) Lat. decem San. daśan	Ing. ten Ale. tien Got. taihun
k > h	Gr. κύων ( <i>kýōn</i> ) Lat. canis	Ing. hound Ale. Hund Got. hunds

QUADRO 1 – Lei de Grimm

FONTE: Elaboração dos autores a partir de Collige (1985).

Na coluna de dados à esquerda temos exemplos de cognatos colhidos nos ramos grego, latino, e índico, ao passo que na coluna da direita temos os cognatos correspondentes verificados nas línguas germânicas. Ao aproximar tais dados, Grimm aponta para uma correspondência entre formas que faz supor a alegada transformação do repertório consonantal no grupo das línguas germânicas. Essa grande transformação pode ser rastreada pelo linguista em diversos materiais filológicos, o que o levou a registrar as notações simbólicas que encontramos na primeira coluna.

Segundo Michel Bréal ([1868] 2005), ao mapear tais relações em uma notação sistematizada e propor uma reconstrução das línguas germânica, Grimm estabeleceu o modelo que havia sido capaz de oferecer clareza e encanto às pesquisas linguísticas. Nas décadas seguintes, iniciou-se uma série de pesquisas dedicadas a examinar a periodização, a divisão dialetal e as análises linguísticas registradas por Grimm. A constante retomada dessa obra e o

desenvolvimento de instrumentos analíticos aperfeiçoados fizeram com que aquilo que fora compreendido por Grimm como uno passasse a ser compreendido como múltiplo.

Um dos melhores exemplos dessa produção de conhecimento pode ser verificado no trabalho de Karl Verner (1846 – 1896). Esse linguista dinamarquês detectara uma incongruência em uma das correspondências mapeadas por Jacob Grimm. Segundo o linguista alemão, haveria uma correspondência entre as consoantes *t* e *θ* quando aproximados os vocábulos cognatos das línguas meridionais e setentrionais. Verner, por sua vez, aponta para uma série de termos no qual tal correspondência não é verificada (COLLIGE, 1985).

	Línguas meridionais	Línguas setentrionais
<i>t &gt; θ</i>	Gr. τρίτος ( <i>tritos</i> ) Lat. tertius San. treta	Ing. third Sax. thriddio Din. thredje
Dados divergentes	Gr. πατήρ ( <i>patér</i> ) Lat. pater San. pitar Gr. φράτηρ ( <i>fratér</i> ) Lat. frāter San. bhrátar	Sax: fadar Got. fadar Din: fader Ing. brother Got. brōþar

QUADRO 2 – Divergências verificadas na Lei de Grimm

FONTE: Elaboração dos autores a partir de Collige (1985)

A correspondência entre as consoantes *t* e *θ* registrada por Grimm, tal como conta na primeira linha, seria contradita pelos vocábulos de parentesco que aparecem na segunda linha. Nesse grupo de palavras, a correspondência entre *t* e *θ* é desfeita ora por correspondências entre *t* e *d*, ora por *t* e *δ*. Essa possível contradição no mapeamento de Grimm é desfeita 54 anos após a publicação da sua *Deutsche Grammatik*, quando Karl Verner propõe a sua lei fonética, que nada mais é, conforme os dados abaixo, do que uma versão refinada da lei de Grimm.

		Línguas meridionais	Línguas setentrionais
Lei de Grimm	<i>t &gt; θ</i>	Gr. τρίτος ( <i>tritos</i> ) Lat. tertius San. treta	Ing. third Sax. thriddio Din. thredje
Lei de Verner	<i>t &gt; d</i>	Gr. πατήρ ( <i>patér</i> ) Lat. pater San. pitar	Sax: fadar Got. fadar Din: fader
	<i>t &gt; δ</i>	Gr. φράτηρ ( <i>fratér</i> ) Lat. frāter San. bhrátar	Ing. brother Got. brōþar

QUADRO 3 – Lei de Grimm e lei de Verner

FONTE: Adaptado de Collige (1985)

Observando a posição da consoante oclusiva nos dados apresentados acima, Verner distinguiu as consoantes não-vozeadas situadas na primeira sílaba, que figuram na primeira linha, das consoantes vozeadas situadas na posição pós-tônica, que figuram na segunda linha. Ao fazer essa distinção, que parece ser apenas uma pequena operação metodológica, Verner fornece a garantia de cientificidade pela qual os estudos linguísticos da segunda metade do século XIX ansiavam.

A nova geração de linguistas germânicos encontrou na lei de Verner a chance de emitir proposições matematicamente formalizadas e suficientemente precisas incapazes de

referir a contraexemplos, o que conferiria às suas *leis fonéticas* a possibilidade de referir a um domínio empírico precisamente delineado. Essa possibilidade de produzir leis semelhantes às das ciências experimentais abriu espaço para um novo projeto de pesquisa que, satisfeito com seus critérios de cientificidade, inundaria as universidades alemãs nas décadas de 1870 e 1880 com uma enxurrada de *leis fonéticas* capazes de mapear em linguagem científica as transformações fonéticas de diferentes famílias de línguas.

### 3. Uma nova ciência: a gramática histórico-comparada

Dispondo de uma vasta quantidade de dados produzidos pelos fundadores da gramática comparada, a nova geração de jovens linguistas centrada em Leipzig foi a responsável por elaborar um projeto investigativo capaz de pôr fim à persistência da filosofia romântica no campo de estudos da linguagem. Em oposição à abordagem das línguas como entidades orgânicas de um reino específico da natureza, perspectiva essa ligada ao nome de August Schleicher (1821-1868), os neogramáticos propunham abordar as línguas a partir de uma compreensão histórico-analítica baseada num modelo epistemológico próprio das ciências experimentais<sup>4</sup> (BOUQUET, 2004).

Ao perceberem, graças a leis como a de Verner, a possibilidade de emitirem enunciados matematizados a respeito das mudanças fonéticas, os neogramáticos se propõem a continuar a gramática comparada de seus antecessores e a conferir-lhe os traços próprios de uma ciência empírica. Hermann Osthoff (1846-1909) e Karl Brugmann (1849-1919), no prefácio da revista *Morphologische Untersuchungen auf dem Gebiete der indogermanischen Sprachen* (1878), inauguram oficialmente uma nova etapa nos estudos da linguagem. Segundo o manifesto que inaugurou essa publicação, as mudanças fonológicas, por serem produzidas mecanicamente, são efetuadas de acordo com leis que não admitem exceções.

Se, na obra de Franz Bopp, havíamos apontado, com auxílio de Foucault (1966), para "um salto para trás" em relação à propriedade representativa da linguagem, os neogramáticos ampliam esse salto para uma distância ainda maior. Enquanto o precursor da gramática comparada propunha estudar as línguas enquanto objetos autônomos, a pesquisa dos neogramáticos promoveu um detalhamento em suas análises de modo que seus objetos de estudo deixaram de ser as línguas e passaram a ser as formas fonéticas produzidas na fala. Atentos às exigências de uma empiria que garantisse o valor científico das leis fonéticas, os jovens linguistas de Leipzig abdicaram de abordar a língua enquanto um objeto abstrato e inobservável e se dedicaram ao exame atento de atos fonatórios concretos, objetos que são passíveis de observação na análise da fala individual.

A análise de atos fonatórios individuais, enquanto método central do projeto neogramático, pode ser compreendida como uma aposta na substancialidade do fenômeno linguístico para garantir a empiricidade de um estudo científico da matéria linguística. Ao dispor de um material seguramente empírico, em nada semelhante às abstrações organicistas de seus antecessores, os neogramáticos dedicaram-se à escrita de notações matematizadas que dessem conta de rastrear as transformações fonéticas verificadas ao longo da história das falas.

---

<sup>4</sup> Dentre os principais exemplos das ciências experimentais que se destacaram na segunda metade do século XIX, deve-se ressaltar a psicologia de Wilhelm Wundt (1832-1920) e de Hermann von Helmholtz (1821-1894) no contexto germânico e a fisiologia de Étienne-Jules Marey (1830-1904) no cenário francês. O desenvolvimento dessas novas áreas de pesquisa contribuiu para a consolidação do projeto de positividade dos saberes antes reservados às ciências humanas (BOUQUET, 2004).

Esse projeto investigativo, ainda que extremamente produtivo, promove um impasse de ordem epistemológica, visto que seu objeto, a despeito de seu caráter empírico, não era capaz de produzir uma interpretação coerente para todas as mudanças linguísticas documentadas pela filologia. De um lado, os neogramáticos mapeavam com precisão uma série de mudanças fonéticas passíveis de serem notadas em leis, que, segundo sua proposta, seriam eventos históricos mecanicamente condicionados. Por outro lado, uma série de mudanças que não se encaixavam em leis fonéticas eram explicadas pelo recurso da analogia, a qual seria acionada pela dimensão psíquica dos sujeitos falantes.

Ao proporem duas abordagens distintas para uma mesma compreensão da mudança linguística, os neogramáticos acabavam por criar um objeto de ordem híbrida: de um lado ele é habitante da esfera das coisas naturais e obedece a leis mecânicas; por outro lado, ele pertence à esfera das realidades mentais e é fruto de processos psíquicos. Por apostarem na substancialidade do ato fonatório como a garantia de empiria científica, a escola de Leipzig reserva aos fatos linguísticos uma natureza eminentemente mecânica, que apresenta em alguns pontos – meras exceções – uma produção psíquica (BOUQUET, 2004).

Essa ciência cujo objeto é cindido entre o material e o espiritual será colocada em exame por Ferdinand de Saussure. O linguista genebrino se questionará sobre a natureza do objeto da ciência linguística, o que o encaminhará para a produção de uma proposta epistemológica inovadora, ou seja, um fazer ciência que até então não havia sido realizado e que, nos dias de hoje, ainda não sabemos se foi efetuado em toda sua radicalidade<sup>5</sup>.

#### 4. Uma ciência por vir

Levando em consideração o enquadramento histórico apresentado nas seções anteriores, podemos agora traduzir a célebre pergunta que abre o capítulo II da primeira parte do CLG – *Qual é o objeto, ao mesmo tempo integral e concreto, da Linguística?* – em uma nova formulação, historicamente situada: *Com que objeto nós, linguistas europeus do século XIX trabalhamos, quando fazemos nossos estudos?*

Retornar à pergunta de abertura do CLG através dessa reformulação nos permite encarar o pensamento saussuriano não mais como um problema de uma epistemologia universalista, mas como um questionamento historicamente localizado. Lembremos que tanto a obra que lhe rendeu reconhecimento por seus contemporâneos, seu *Mémoire*, como todas suas pesquisas publicadas em vida são estudos cujos objetivos orbitavam em torno da suposição, reconstrução ou análise de formas linguísticas realizadas de modo cada vez mais distinto do que o proposto pela comunidade científica que o rodeava (JOSEPH, 2012b; SILVA E SILVA, 2016). Ao produzir tais investigações, Saussure propunha um exame crítico do projeto investigativo do qual ele mesmo havia sido inserido formalmente como estudante em Leipzig e membro da Sociedade Linguística de Paris. A partir do exame do que o linguista faz ao fazer linguística, seu pensamento toma forma e desenha os contornos de uma ciência por vir.

Assim como em outros campos investigativos modernos – psicologia, sociologia, antropologia – os pesquisadores do campo linguístico no século XIX se empenharam em empurrar seus objetos para dentro do regime de cientificidade que regia – e de certa forma

---

<sup>5</sup> Ainda que o estruturalismo tenha sido identificado como um desdobramento da proposta saussuriana, sabemos que tal interpretação é passível de discussão. Se tomamos o projeto científico estabelecido por Louis Hjelmslev (2006), podemos observar que a substituição do conceito de eixo associativo por paradigmático (alteração conceitual generalizada por diversos autores) produz uma distorção do projeto epistemológico saussuriano cujos resultados são um retorno à compreensão mecanicista de linguagem dos neogramáticos.



ainda rege – as disciplinas experimentais. Dessa forma, também é patente no trabalho dos neogramáticos a pressuposição de uma epistemologia empirista para as entidades fundamentais da língua, se não para toda linguagem. O reflexo de tal concepção reside em uma epistemologia que encontra a garantia da existência e pertinência científica de seus objetos em um substancialismo centrado na exploração do ato fonatório bem como nas inscrições que permitiam registrar a fala.

Enquanto os inovadores neogramáticos buscavam determinar um objeto materialmente empírico, que pudesse ser auferido em sua manifestação individual e para o qual fosse possível atribuir valores constantes e absolutos, Saussure propunha uma prática científica totalmente oposta. Seu trabalho volta-se para a afirmação da possibilidade de fazer ciência de um objeto que é, ao mesmo tempo, *imaterial*, *virtual* e *relativo*. Essa proposta científica, cuja originalidade foi apresentada em seu contexto histórico, não poderá, em virtude de sua complexidade, ser explorada de modo integral neste trabalho. Portanto, traremos, nas próximas páginas, um breve desdobramento das características específicas do objeto linguístico.

O objeto da linguística saussuriana é *imaterial*. Como já dissemos acima, a ontologia da língua e de suas unidades não é garantida por uma, aparentemente, inquestionável substancialidade do ato fonatório, mas pela realidade mental produzida pelas percepções de uma comunidade de falantes. Isso não equivale a afirmar que a linguística saussuriana abra mão da materialidade da língua e se encerre exclusivamente na mente ou no espírito, mas sim que a concepção de realidade colocada em jogo é diferente daquela de seus colegas e professores neogramáticos. As entidades da língua nem começam, nem terminam na substância de sua realização. Essa conclusão carrega principalmente duas consequências na linguística do genebrino. Primeiramente, nos estudos sincrônicos, não há garantia prévia da forma do recorte das unidades linguísticas – sejam elas quais forem – dentro do sintagma, nem de seu lugar no sistema como um todo. Nesse caso, a regra de ouro seria a percepção do falante da existência ou não de unidade distintiva. Os desdobramentos desse problema ficam claros nos incursos de Saussure na língua lituana (JOSEPH 2009, 2012b; JOCHIMS, 2016). Em segundo lugar, no estudo diacrônico das línguas esse problema reemerge, agora pautando a capacidade de constatar a presença ou ausência de mudanças consideráveis em um sistema.

Visto que o objeto linguístico não é material – em uma concepção substancialista – e a sua singularidade ultrapassa sua ocorrência, ele é também *virtual*. A realidade da língua não se resume àquilo que é atualizado em atos de fala específicos. Com efeito, essa é a sua menor parte. A maior parte da realidade linguística está o tempo todo se rediferenciando e transformando o que já foi atualizado em novos atualizáveis. Ainda que não-atualizado, uma língua em devir, o virtual é parte essencial da língua para Saussure, e ganha seu lugar na análise linguística principalmente no eixo associativo (contraposto ao eixo do atualizado, o sintagmático) e no processo analógico. A figura que ilustra a ação do eixo associativo no CLG nos mostra que a ação do virtual é ao mesmo tempo tópica (naquele sintagma específico) e generalizada. Sendo assim, o objeto imaterial de uma ciência que se sustenta sobre o virtual é necessariamente *relativo*.

A relatividade do objeto é entendida em termos de relacionalidade. A língua é resultado de um processo de diferenciação interna infinito, no qual unidades codependentes se reorganizam a todo tempo. Tal constatação tornou-se célebre sob a fórmula “a língua é um sistema de signos”. Nessa abordagem do fenômeno linguístico, as unidades são posteriores ao todo sistêmico. Tal concepção de língua foi um dos principais elementos – intelectuais – da quantidade decrescente de publicações do autor, pois Saussure não encontrava maneira adequada de expressar seu *insight*. Não havia linguagem científica ou filosófica consolidada na época que o permitisse abreviar as dificuldades apresentadas por um objeto que tem uma existência no tempo e no espaço de tal maneira multiforme.

Poderíamos resumir as três características destacadas em um único termo: o objeto da linguística é *diferencial* e, por conseguinte, sua própria ciência o será. Isso significa dizer que, para Saussure, a linguística, e o linguista em seu fazer, deve adaptar-se à singularidade da língua como objeto. A constante diferenciação de si mesma da língua, sua transformação constante e multifacetada o obrigou a questionar os limites das práticas das ciências da linguagem de então e nos impõe a mesma tarefa hoje.

Como pudemos apresentar, dificilmente é possível atribuir a Ferdinand de Saussure o título de fundador da linguística enquanto ciência, pois, ao contrário de seus contemporâneos, esse autor não se propôs a alinhar os estudos da linguagem ao conjunto das ciências experimentais. Nesse sentido, este título fosse, talvez, mais adequado aos neogramáticos no século XIX. O linguista genebrino, por sua vez, partindo da especificidade do objeto linguístico, foi capaz de apontar para o modo de existir peculiar desse objeto e, com base nessa constatação, se viu obrigado a elaborar, ainda que de modo inconcluso, uma maneira inédita de fazer ciência. A compreensão historicamente localizada do empreendimento saussuriano permite-nos ler no corpus textual desse autor especulações que fertilizam uma ciência da linguagem que não encontrou continuidade direta ao longo do século XX. A maior corrente de inspiração saussuriana foi evidentemente o estruturalismo; no entanto, os critérios de cientificidade deste projeto investigativo são totalmente distintos das características determinantes do objeto linguístico no pensamento saussuriano.

Ainda que Ferdinand de Saussure não tenha apresentado explicitamente uma formulação do projeto epistemológico que acolheria uma nova investigação do fenômeno linguístico, podemos encontrar em seus escritos uma reflexão que almeja determinar os princípios que norteariam tal projeto. Na imagem de ciência semiológica, podemos encontrar o esboço de uma ciência por vir, que não estaria assentada sob critérios de cientificidade importado das ciências de então, mas que em torno das especificidades do modo de existir do objeto linguístico, elaboraria seus próprios fundamentos.

Discutiu-se para saber se a linguística pertenceria à ordem das ciências naturais ou das ciências históricas. Ela não pertence a nenhuma das duas, mas a um compartimento de ciências que, se não existe, deveria existir sob o nome de semiologia, ou seja, ciência dos signos ou estudo do que se produz quando o homem procura exprimir seu pensamento por meio de uma convenção necessária. (SAUSSURE, 2004, p. 224)

Para a questão que havíamos proposto para nortear nossa reflexão – *Qual o lugar de Ferdinand de Saussure na história da produção de conhecimento sobre os fenômenos linguísticos?* – podemos agora esboçar uma resposta. Saussure não é o fundador da linguística tal como a conhecemos hoje, pois ao analisar historicamente seu percurso intelectual, verificamos sua busca por uma nova maneira de fazer ciência e não pela assimilação dos estudos linguísticos pelo empreendimento científico hegemônico. Conforme indica o autor no fragmento citado, a ciência por vir não seria englobada nem pelas ciências históricas nem pelas ciências naturais. Será uma outra ciência, nova, a qual podemos apenas entrever. A semiologia é o norte que orienta a bússola do explorador da linguagem que busca o fazer científico que esteja à altura da tarefa imposta por tal objeto.

## REFERÊNCIAS

- ARRIVÉ, M. **Em busca de Ferdinand de Saussure**. São Paulo : Parábola, 2010.  
BOUISSAC, P. **Saussure: um guia para perplexos**. São Paulo, Editora Vozes, 2012.  
BOUQUET, S. **Introdução à leitura de Saussure**. São Paulo: Cultrix, 2004.

- BRÉAL, M. Les idées latentes du langage (1868). In BRÉAL, M. **Mélanges de mythologie et de linguistique**. Limoges: Lambert-Lucas, 2005 [1882], p.187-201.
- COLLIGE, N. **The laws of Indo-European**. Amsterdam : John Benjamins, 1985.
- COLOMBAT, B., FOURNIER, J., PUECH, C. **Histoire des idées sur le langage et sur les langues**. Klincksieck, Paris, 2010.
- CULLER, J. **As idéias de Saussure**. São Paulo: Cultrix, 1979.
- FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1966.
- HJELMSLEV, L. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- JOCHIMS, Vítor. **Notes sur l'accentuation lituanienne**: uma ciência em construção. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2016.
- JOSEPH, J. [Why Lithuanian accentuation mattered to Saussure](#). IN: **Language and History**, nº 52. 2009. Pp. 182-198.
- \_\_\_\_\_. Les « Souvenirs » de Saussure revisités. IN: **Langages**, nº 185, 2012a, p. 125-139. Disponível em: <[DOI 10.3917/lang.185.0125](https://doi.org/10.3917/lang.185.0125)>. Acesso em: 18/12/2015.
- \_\_\_\_\_. **Saussure**. Oxford: Oxford University Press, 2012b.
- KOERNER, E. F. História da linguística. IN: **Revista Confluência**, nº 46, trad.: Susana Fortes, 2006.
- \_\_\_\_\_. Questões que persistem em historiografia linguística. IN: **Revista da ANPOLL**, nº 2, p. 45-70, trad: Cristina Altman, 1996.
- MAURO, T. Notes biographiques et critiques sur F. de Saussure. IN: SAUSSURE, F. **Cours de linguistique générale**. Édition critique préparée par Tullio de Mauro. Paris : Payot, 1979.
- MILNER, J.-C. **Introduction à une science du langage** : édition abrégée. 1995. Paris : Éditions du Seuil, 313.
- PORTELA, J. A divulgação do pensamento saussuriano no Brasil. IN: **Estudos Semióticos**. Volume 9, Número 2, São Paulo, Dezembro de 2013, p. 15–21. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/essei>>. Acesso em: 10/12/2015.
- QUIJANO, C. **Le cours d'une vie**. Portrait diachronique de Ferdinand de Saussure. Editions Cécile Defaut, Nantes, 2008.
- REBOUL Fabienne, « La nomination de Saussure à Genève : une simple formalité ? ». IN : **Cahiers Ferdinand de Saussure**, vol. 62, 2010, pp. 217-256.
- SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. 25.ed. 1999. São Paulo: Cultrix, 279.
- \_\_\_\_\_. **Escritos de Linguística Geral**. 1a ed. 2004. São Paulo: Cultrix, 296.
- SILVA E SILVA, F. **O pensamento saussuriano e os trabalhos publicados em vida**. 2016. Disponível em: <<https://independent.academia.edu/FernandoSilvaESilva>> Acesso em: 28/07/2016.

Submetido em 27/07/2016

Aceito em 18/10/2016